

INTEGRANDO EDUCAÇÃO ESCOLAR, DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Maira Maria da Costa¹
Olinda Ortiz Fagundes²

RESUMO

A adolescência caracteriza-se como um período de transição entre a infância e a idade adulta, no qual notadamente ocorrem mudanças psicológicas e afetivas em concomitância com mudanças físicas. A sexualidade, que não pode ser restringida ao ato sexual e é compreendida pelos modos de sentir, pensar e agir, permeia este processo de mudança. Toda pessoa com deficiência tem direito à educação em sistema educacional inclusivo e aprendizado ao longo da vida. A sexualidade de adolescentes com deficiência intelectual costuma ser percebida como algo biologizado e genitalizado, bem como estes adolescentes usualmente são percebidos como sexualmente infantis, assexuados ou sem controle dos impulsos sexuais. Muitas das manifestações sexuais inadequadas não estão relacionadas à deficiência e sim à ausência de educação sexual. Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de um projeto de intervenção desenvolvido com adolescentes com deficiência intelectual de Escolas Municipais de Educação Básica da cidade de Jaraguá do Sul/SC que frequentam o Atendimento Educacional Especializado e teve como objetivo principal instrumentalizar os alunos para ampliar a assertividade nos comportamentos relacionados à sexualidade. As atividades foram realizadas no Atendimento Educacional Especializado, em grupo fechado com ação interdisciplinar dos profissionais da Psicologia e Pedagogia. Os resultados obtidos se baseiam em observação e nos relatos dos professores, pais e alunos, indicam efeitos da intervenção que demonstram a necessidade do trabalho complementar sobre sexualidade com os adolescentes com deficiência intelectual.

Palavras-chave: Sexualidade; deficiência intelectual; adolescência.

Introdução

A adolescência caracteriza-se como um período de transição entre a infância e a idade adulta. Neste período do desenvolvimento humano ocorrem mudanças psicológicas e afetivas, na busca pela formação de identidade, nas relações sociais e familiares, momento no qual o adolescente costuma se afastar da família e buscar aceitação de grupos sociais. Concomitantemente ocorrem as mudanças físicas e também a busca de relações amorosas

¹ Psicóloga atuante na Equipe Multidisciplinar de Assessoria da Educação Especial – Secretaria Municipal de Educação

² Pedagoga de Educação Especial atua como Professora do Atendimento Educacional Especializado – Secretaria Municipal de Educação

(BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Envolvida e permeada em todos esses processos de mudança está a sexualidade, que refere-se às formas de sentir, pensar e agir. A sexualidade pode ser entendida como amor, afetividade, busca de prazer e genitalidade, não podendo ser restringida somente ao ato sexual (GLAT; FREITAS, 2002; MAIA; ARANHA, 2005).

O desenvolvimento da sexualidade está presente em todas as pessoas. As características essenciais da deficiência intelectual incluem déficits em capacidades mentais genéricas (funções cognitivas que envolvem raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem pela educação escolar e experiência, compreensão prática) e prejuízos nas funções adaptativas diárias (funções de domínio acadêmico, social e prático) na comparação com indivíduos pareados para idade, gênero e condições socioculturais, tendo início durante o período de desenvolvimento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

As pessoas com deficiência tem o direito de exercer a sexualidade e desfrutar da convivência social e afetiva com outras pessoas. Sobre a sexualidade de adolescentes com deficiência intelectual, os pais e professores costumam percebê-la como algo biologizado e genitalizado, que não envolve prazer. Há também uma alternância na percepção em relação a estes jovens, que usualmente são considerados como sexualmente infantis e/ou assexuados, mas também como sexualmente agressivos e sem controle. Muitas das manifestações sexuais inadequadas não estão relacionadas à deficiência, e sim à ausência de educação sexual (GLAT; FREITAS, 2002; GIAMI, 2004).

Pessoas com deficiência intelectual, se orientadas de forma coerente com sua capacidade cognitiva, de modo que possam assimilar os conhecimentos, são capazes de aprender a controlar e exprimir seus desejos e ter conduta sexual de forma socialmente apropriada (GLAT; FREITAS, 2002).

A curiosidade pelos assuntos que envolvem sexualidade e sexo, bem como as dúvidas dos adolescentes sobre o tema são semelhantes, sejam eles com deficiência intelectual ou não. Em pesquisa sobre sexualidade e deficiência intelectual, as autoras Albuquerque e Almeida (2010) constataram que os alunos tem curiosidade em saber mais sobre doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, desejos sexuais, nomes dos órgãos genitais, masturbação, camisinha

e parto.

Toda pessoa com deficiência tem direito à educação em sistema educacional inclusivo e aprendizado ao longo da vida de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível nas habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, de acordo com suas características e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

Todo aluno com deficiência tem direito a receber o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Dentre os diversos objetivos deste atendimento está a eliminação de barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades realizadas neste atendimento são diferentes das realizadas na sala de aula comum e não substituem a escolarização. O atendimento complementa ou suplementa a formação dos alunos objetivando a autonomia e independência. O AEE deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum ao longo de todo o processo de escolarização (BRASIL, 2008).

A inclusão social envolve uma postura de aceitação e respeito pelas diferenças, à oportunidade de vivência plena nos diversos contextos: escolar, familiar, mercado de trabalho e lazer, estando disponíveis as mesmas oportunidades para todos, o que também inclui a oportunidade de vivenciar a sexualidade (ALBUQUERQUE; ALMEIDA, 2010).

O trabalho sistemático sobre sexualidade dentro da escola deve integrar ações educativas continuadas, oferecendo possibilidade de acesso e compreensão das informações e discussão sobre obstáculos emocionais e culturais relacionados à adoção de condutas não preventivas. Informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre cuidados preventivos para situações de gravidez indesejada, abuso sexual, Doenças Sexualmente Transmissíveis e também colaboram para a promoção de saúde, prazer e bem-estar (BRASIL, 2001).

O primeiro contato que se tem com a sexualidade é nas relações familiares, espaço no qual valores, crenças e conceitos da família são transmitidos para a criança. Na escola o trabalho direciona-se à abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade. É necessário problematizar, levantar questionamentos e ampliar os conhecimentos do aluno para que ele próprio encontre um ponto de autorreferência. Desta forma, o trabalho realizado pela escola não substitui o da função familiar e sim o complementa (BRASIL, 2001).

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de um projeto de intervenção em educação sexual e sexualidade desenvolvido com adolescentes com deficiência intelectual. O principal objetivo deste projeto é instrumentalizar os alunos para ampliar a assertividade nos comportamentos relacionados à sexualidade. Como objetivos específicos busca-se incentivar a formação de identidade, promover a auto e heteropercepção, estimular o autocuidado, refletir sobre os relacionamentos de amizade, paixão e amor, discutir sobre sexo e Doenças Sexualmente Transmissíveis e reduzir a vulnerabilidade pessoal do adolescente.

Metodologia

O projeto de intervenção foi desenvolvido para ser aplicado em alunos adolescentes com diagnóstico de deficiência intelectual que frequentam o Atendimento Educacional Especializado (AEE) das Escolas Municipais de Educação Básica da cidade de Jaraguá do Sul/SC. No município existem 18 polos de AEE que atendem os alunos com deficiência distribuídos em um total de 31 escolas.

Inicialmente o projeto foi aplicado pela Psicóloga que atua na Educação Especial em conjunto com a Pedagoga Professora do AEE de um dos polos. Em seguida, todas as professoras de AEE receberam formação e foram capacitadas para a aplicação do projeto, que é realizada constantemente no decorrer dos anos letivos. A participação da Psicóloga nos encontros é dependente da solicitação da professora.

Caracterização do grupo e participantes

A aplicação deste projeto de intervenção se dá em grupo fechado (grupo no qual os integrantes são previamente selecionados e não há entrada de novos integrantes no decorrer dos encontros), com ação interdisciplinar dos profissionais da psicologia e pedagogia como aplicadores. Os participantes caracterizam-se por alunos adolescentes com deficiência intelectual que frequentam o Atendimento Educacional Especializado e seus pais.

A frequência dos encontros é quinzenal, com duração média de 2 horas e 30 minutos durante o Atendimento Educacional Especializado, totalizando 08 encontros programados previamente. A programação de cada encontro pode ser flexibilizada, de acordo com a

demanda dos alunos. A flexibilização se estende dos materiais e atividades propostas à duração e quantidade de encontros realizados, sempre objetivando o melhor aproveitamento do grupo.

Procedimentos

Em todos os encontros as aplicadoras realizam exposições teóricas, promovem reflexões e debates com a participação ativa dos alunos, que também desenvolvem atividades a respeito dos assuntos trabalhados.

No encontro sobre o Corpo Humano há a participação de um professor que leciona a disciplina de Ciências no ensino comum e ainda, para o encontro sobre Sexo Seguro e Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) sugere-se a participação da enfermeira da Estratégia Saúde da Família (ESF).

Durante todos os encontros com os alunos é disponibilizada uma caixa para dúvidas, na qual os alunos tem a opção colocar um papel com sua dúvida escrita. Esta caixa é disponibilizada a partir do pressuposto de que os alunos podem não se sentir a vontade para perguntas orais no grupo. No caso do aluno não estar alfabetizado, as aplicadoras dão o suporte necessário.

Descrição dos encontros

Quadro 1 – Descrição dos encontros

Descrição	Procedimentos	Objetivos
Encontro com pais		
Encontro com pais	Apresentação dos participantes e contrato de sigilo; apresentação do projeto; debate sobre sexualidade e a importância de falar sobre o tema; relato dos pais sobre como foi a orientação sexual que receberam e o que consideram como aspectos positivos e negativos; roda de conversa sobre como os pais lidam com a sexualidade de seus filhos, quais são as dificuldades, facilidades, seus medos e anseios e como o filho adolescente aborda o assunto.	Apresentar o projeto, levantar expectativas dos pais em relação à sexualidade dos filhos; permitir que falem sobre a percepção que têm em relação à sexualidade dos filhos; oportunizar momento para que tirem dúvidas e falem de seus receios no que se refere à adolescência e vida adulta dos filhos; levantar

		informações sobre como se dá a educação sexual em casa e estimular a conversa sobre sexualidade no meio familiar.
Encontros com alunos		
Quem sou eu?	Apresentação do projeto e contrato de sigilo; atividade de pintura/desenho na qual cada aluno faz seu autorretrato e depois fala sobre si; reflexão sobre “quem sou eu, o que gosto, o que não gosto, quais são meus hábitos”; conversa e atividade com os alunos sobre a rotina diária, os cuidados pessoais, alimentação e hábitos de higiene; conceituação de sexualidade e atividade de assimilação do conceito.	Promover reflexão individual sobre sexualidade; instigar a formação de identidade e autopercepção.
Um olhar para o outro e as redes sociais	Cada aluno faz um desenho de um de seus colegas; após desenhar, o aluno fará um relato sobre como vê o outro colega, do que acha que ele gosta, como ele é, suas qualidades, etc.; reflexão a partir das informações obtidas no encontro passado e no presente, sobre “como me vejo, como os outros me veem”; redes sociais: qual o aluno usa e/ou tem acesso; debate sobre o uso das redes sociais, qual a melhor forma de uso, prós e contras; discussão sobre a confiabilidade das informações da internet.	Promover reflexão sobre “o modo que me apresento para o outro, que imagem estou passando”; fazer o contraponto entre a auto e heteropercepção; instrumentalizar os alunos para o uso das redes sociais.
Gostar do outro e relacionamentos amorosos: amizades, ficar, namorar	Investigação com os alunos sobre o que é amizade, o que é “ficar”, o que é namorar; reflexão sobre “quando sei se devo ficar ou não com alguém?”; conversa sobre paixão e amor, investigação da percepção dos alunos a respeito destes sentimentos; atividade com objetivo de internalizar os conceitos de paixão e amor; debate sobre prós e contras do relacionamento amoroso; discussão sobre o respeito ao próximo, aceitação da vontade do outro e exposição da vontade própria; dinâmica na qual os participantes possam expor o que estão sentindo no momento sobre amizade, ficar e namorar.	Trabalhar os conceitos de amizade, ficar e namorar; falar sobre sentimentos presentes na atração física e emocional; refletir sobre as relações amorosas.
O corpo humano	Produção de desenho do corpo humano (de ambos os sexos) e investigação do conhecimento prévio dos alunos; discussão do desenho produzido por cada aluno e o que sabem sobre cada parte/órgão desenhado; professor de Ciências apresenta o corpo humano, as fases do desenvolvimento e o sistema reprodutor masculino e	Promover o conhecimento do corpo humano, com principal enfoque nos órgãos reprodutores e sistema reprodutor; reconhecimento do próprio corpo, identificação da fase do desenvolvimento humano que

	feminino; alunos produzem novo desenho do corpo humano, agora cada um a partir do seu sexo, nomeando cada parte/órgão desenhado; discussão acerca do novo desenho produzido e os conhecimentos adquiridos.	cada aluno se encontra considerando as alterações físicas e psíquicas.
Sexo e masturbação – o que é? Quando fazer sexo, existe uma hora certa?	Investigação sobre o que é sexo para os alunos; explanação acerca do que é sexo considerando as informações levantadas na investigação; apresentação de vídeo educativo sobre educação sexual para crianças e adolescentes; debate sobre “como decidir quando fazer sexo? Existe uma hora certa?”; atividade na qual os alunos façam a distinção entre sexualidade e sexo; discussão sobre sexo e amor; reflexão sobre o respeito ao próximo, aceitação da vontade do outro e exposição da vontade própria; investigação com os alunos sobre o que é masturbação; explanação acerca da masturbação, mitos e verdades.	Levantar informações sobre a concepção dos alunos em relação ao sexo e masturbação; falar sobre sexo e masturbação e esclarecer possíveis mitos e verdades; promover reflexão sobre a decisão de fazer sexo ou não e relacionamento com outra pessoa.
Sexo seguro e prevenção de DSTs	Conversa sobre cuidados e responsabilidade ao fazer sexo; explicação sobre o que é DST; alunos falam o que sabem sobre DST; apresentação das DSTs mais comuns; dinâmica sobre DSTs; conversa sobre “porque usar a camisinha”; apresentação da camisinha masculina e feminina e explanação sobre como utilizá-las; momento para que cada aluno possa, utilizando órgãos feminino e masculino artificiais, colocar a camisinha e tirar dúvidas; explicação sobre como obter a camisinha, que é gratuita na Unidade Básica de Saúde; explicação sobre como proceder no caso de suspeita de DST; apresentação de métodos de contracepção.	Apresentar as principais DSTs e os métodos de proteção e contracepção.
Encontro com alunos e pais		
Finalização	Leitura e resposta para as dúvidas da caixa (alunos optam pela presença ou não dos pais); momento no qual os alunos possam fazer mais questionamentos verbais, caso ainda tenham dúvidas ou inquietações; discussão sobre a opinião dos alunos a respeito dos encontros; momento para que os pais exponham sua percepção sobre o projeto; dinâmica de finalização.	Sanar dúvidas dos alunos; investigar os benefícios identificados pelos alunos e pais com a aplicação do projeto; expor o material produzido pelos alunos; finalizar projeto.

Fonte: dados do próprio projeto

Resultados

Os resultados obtidos são de caráter qualitativo e se baseiam em observação e nos relatos dos professores, pais e alunos. Indicam efeitos da intervenção nos alunos, tais como melhora nas interações sociais com os demais colegas de turma, maior participação nas aulas e atividades nos grupos, melhora da higiene pessoal, cuidados pessoais e nas atividades de vida diária. Os alunos também demonstraram maior nível de conhecimento a respeito dos assuntos que envolvem a sexualidade.

Conclusões

A sexualidade é um tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e deve estar presente nos conteúdos escolares. Na aplicação deste projeto, os efeitos da intervenção que foram observados indicam a necessidade de trabalhar assuntos relacionados à sexualidade e educação sexual com alunos com deficiência intelectual de forma complementar aos aspectos trabalhados no currículo escolar.

Promover o conhecimento a respeito dos temas que envolvem a sexualidade permite o desenvolvimento da construção de identidade, autoconhecimento, envolvimento com as mudanças inerentes à adolescência, dentre vários outros aspectos. Considerando a dificuldade que a pessoa com deficiência intelectual tem para a percepção dos sentimentos, pensamentos e experiências próprias e dos outros, de comunicação interpessoal, de julgamento social, cuidados pessoais e atividades de vida diária, de autocontrole comportamental, solução de problemas e julgamento em situações novas, trabalhar a sexualidade colabora para a redução destas dificuldades e prejuízos, ao mesmo tempo em que reduz a vulnerabilidade pessoal do adolescente com deficiência intelectual.

Em consonância com informações obtidas na literatura, é possível afirmar que as famílias relatam insegurança a respeito da sexualidade dos filhos, dificuldade para conversar sobre o assunto e preocupação em relação à vulnerabilidade. Assim, o trabalho colabora para que haja abertura do diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos e cria um espaço onde os pais podem esclarecer suas dúvidas e trocar experiências.

Referências

ALBUQUERQUE, P. P.; ALMEIDA, M. A. **Revista brasileira de estudos de pedagogia.** Sexualidade e deficiência intelectual: um curso de capacitação para professores. Brasília, v. 91, n. 228, p. 408-423. maio-ago. 2010.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. De L. T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** pluralidade cultural: orientação sexual. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília, 2001.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Ministério da Educação.** Brasília, 07 jan. 2008.

BRASIL. Lei n. 13.146 de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência / Estatuto da Pessoa com Deficiência. **Diário Oficial da União,** Seção 1, p. 2, 07 jul. 2015.

GIAMI, A. **O anjo e a fera:** sexualidade, deficiência mental, instituição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GLAT, R., FREITAS, R. C. de. **Sexualidade e deficiência mental:** pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

MAIA, A.C. B., ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. **Interação em Psicologia.** Curitiba, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005.